

# **Frankenstein**

*Mary Shelley*

**Capa/Arte: CIA Artes**

**Autor: Mary Shelley**

**Edição: Clássicos Editora**



**Clássicos Editora** tem como objetivo deixar livros acessíveis a todos os tipos de leitores em formato digital.

Fundado em janeiro de 2018, a Clássicos Editora vem lançando livros que fizeram história em nosso país e mundo, levando diversão e entretenimento á todos que o adquirem.





*“Acaso, ó Criador, pedi que do barro  
Me moldasses homem? Porventura pedi  
Que das trevas me erguesses?”*

John Milton,  
Paraíso Perdido, X, 743-5



## INTRODUÇÃO DA AUTORA

Os editores de romances, ao decidirem publicar *Frankenstein* para uma de suas séries, ficaram curiosos para que eu lhes contasse sobre a origem da história. Aceitei com muito boa vontade, pois isso me dá a oportunidade de responder de um modo geral à pergunta que freqüentemente me fazem — como é que eu, então uma jovem, pude pensar e discorrer sobre um assunto tão horrível. É verdade que tenho total aversão a apresentar-me em letra de imprensa, mas, como minha explicação servirá apenas como apêndice para uma produção anterior e ficará restrita a assuntos ligados exclusivamente à minha qualidade de autora, dificilmente poderei acusar-me de uma intrusão pessoal.

Por ser filha de duas personalidades de notável celebridade literária, não é surpresa alguma que eu pretendesse escrever ainda no início de minha vida. Quando criança, eu rabiscava, e meu passatempo preferido durante as horas de recreio era escrever histórias. Eu tinha, porém, um prazer ainda maior que este, ou seja, construção de castelos no ar — permitindo-me sonhar acordada — a que se seguia uma torrente de pensamentos que tinha por objetivo a formação de uma sucessão de incidentes imaginários. Meus sonhos eram ao mesmo tempo mais fantásticos e agradáveis do que meus escritos. Nesses últimos, eu tinha muito de imitadora — fazendo mais o que os outros já tinham feito do que realizando as sugestões de minha própria mente. O que escrevia se destinava pelo menos a mais alguém — o companheiro e amigo de minha infância; meus sonhos, porém, eram só para mim; a ninguém os revelava, eram meu refugio quando eu estava aborrecida — meus mais caros prazeres quando me achava livre.

Quando menina, vivi principalmente no campo e passei um tempo considerável na Escócia. Ocasionalmente, visitava as regiões mais pitorescas, conquanto minha residência habitual fossem as límpidas e tristes praias do litoral do Norte do Tay, perto de Dundee. Olhando para o passado eu as chamo límpidas e tristes; naquela época, não me pareciam assim. Elas eram a morada da liberdade e a região agradável onde descuidadamente eu podia me comunicar com as criaturas da minha fantasia. Naquela época eu escrevia, embora no mais

vulgar dos estilos. Foi debaixo das árvores dos campos pertencentes à nossa casa, ou nas encostas nuas e desoladas das montanhas próximas, que nasceram e floresceram as minhas verdadeiras composições e os fantásticos vôos da minha imaginação. Eu não me fazia heroína de meus contos. No que me dizia respeito, a vida me parecia um lugar-comum. Eu jamais poderia imaginar-me envolvida em aflições românticas ou acontecimentos maravilhosos; contudo, eu não ficava presa à minha própria identidade, e eu podia povoar aquelas horas com criações para mim muito mais importantes, naquela idade, do que minhas próprias sensações.

Depois disso, minha vida tomou-se mais ocupada, e a realidade substituiu a ficção. No entanto, desde o início, meu marido mostrou-se muito ansioso que eu provasse ser digna de meus pais e me incluísse nas páginas da fama. Ele estava sempre incitando-me a conseguir reputação literária, o que então também me preocupava, embora depois eu tenha me tomado bastante indiferente a isso. Naquela ocasião, ele desejava que eu escrevesse, não com a idéia de que eu fosse capaz de produzir algo de importância, mas para que ele pudesse julgar o que eu seria capaz de realizar no futuro. No entanto, eu nada fiz. As viagens e os cuidados com a família ocupavam todo o meu tempo; e o estudo, no sentido de aperfeiçoar minhas idéias para melhor comunicação com seu cérebro muito mais culto, era tudo o que, em matéria de literatura, prendia minha atenção.

No verão de 1816, nós visitamos a Suíça e tomamo-nos vizinhos de Lord Byron. No início, passávamos nossas horas de lazer no lago ou errando por suas praias; e Lord Byron, que estava escrevendo o terceiro canto do Childe Harold, era o único dentre nós que punha suas idéias no papel. Essas, à medida que ele as ia apresentando a nós, envoltas em toda a luz da poesia e da harmonia poéticas, pareciam trazer o selo das glórias divinas do céu e da terra, cujas influências partilhávamos com ele.

Aquele, entretanto, estava sendo um verão muito desagradável, e as chuvas incessantes nos obrigavam a permanecer em casa durante vários dias. Caíram em nossas mãos alguns volumes das histórias de fantasmas, traduzidas do alemão para o francês. Havia a História do amante inconstante, que, quando pensava estar abraçando a noiva, a quem jurara eterna fidelidade, achava-se nos braços do pálido fantasma daquela que ele abandonara. Havia o conto do

pecaminoso fundador de sua raça cujo infeliz destino era dar o beijo da morte em todos os filhos jovens de sua maldita casa, quando eles atingiam a idade em que se devia cumprir o destino. Sua forma sombria, gigantesca, vestida numa armadura completa, como o fantasma do Hamlet, mas com a viseira levantada, era vista à meia-noite, sob a luz do luar, avançando lentamente ao longo da triste alameda. A forma se confundia com as sombras das paredes do castelo; mas logo se escancarava um portão, ouviam-se passos, abria-se a porta de um quarto, e ele avançava para a fileira dos jovens que dormiam placidamente. Uma tristeza infinita se estampava em seu rosto, quando ele se curvava e beijava a fronte dos meninos, que daquele momento em diante murchavam como flores arrancadas de sua haste. Nunca mais vi essas histórias, mas seus incidentes se acham frescos em minha mente como se eu as tivesse lido ontem.

“Cada um de nós vai escrever uma história de fantasmas”, disse Lord Byron, e sua proposição foi aceita. Éramos quatro. O nobre autor começou a escrever um conto, um trecho que ele inseriu no final de seu poema de Mazeppa. Shelley, mais apto a incorporar as idéias e sentimentos no esplendor de imagens brilhantes e na música dos versos mais melodiosos que enfeitam nossa língua do que inventar o enredo de uma história, começou um conto baseado nas primeiras experiências de sua vida. Pobre Polidori! Ele concebeu qualquer coisa sobre uma mulher que tinha por cabeça uma caveira, e que fora assim castigada por haver espiado através de um buraco de fechadura — esqueci-me para ver o quê; naturalmente algo muito chocante e absurdo; mas, depois que ela ficou reduzida a uma condição pior do que a do renomado Tom de Coventry, ele nada achou de melhor para fazer com ela do que despachá-la para a tumba dos Capuletos, único lugar adequado para ela. Os ilustres poetas, também entediados pela chatice da prosa, rapidamente abandonaram sua desagradável tarefa.

Concentrei-me para criar alguma história — uma história que rivalizasse com as que nos tinham incitado a realizar aquele trabalho.

Uma história que falasse aos misteriosos medos de nossa natureza e despertasse um espantoso horror — capaz de fazer o leitor olhar em tomo, amedrontado, capaz de gelar o seu sangue e acelerar os batimentos do seu coração. Se eu não conseguisse isso, minha estória de fantasmas seria indigna do seu nome. Pensei e ponderei, mas em vão. Senti aquela total incapacidade de

invenção que é a maior desgraça dos autores, quando um estúpido nada responde às nossas ansiosas invocações. "Já encontrou a história?", perguntavam-me todas as manhãs, e eu era obrigada a responder com uma mortificante negativa.

Parodiando Sancho Pança, tudo deve ter um início; e esse início deve estar ligado a algo que já existiu antes. Para os hindus o mundo é sustentado por um elefante, mas o elefante se acha apoiado em cima de uma tartaruga. Inventar, deve-se admitir humildemente, não consiste em criar algo do nada, mas sim do caos; em primeiro lugar, deve-se dispor dos materiais; pode-se dar forma à substância negra e informe, mas não se pode fazer aparecer a própria substância. Em tudo o que se refere às descobertas e às invenções, mesmo aquelas que pertencem à imaginação, lembramo-nos continuamente da história do ovo de Colombo. A invenção consiste na capacidade de julgar um objeto e no poder de moldar e arrumar as idéias sugeridas por ele.

Muitas e longas eram as conversas entre Lord Byron e Shelley às quais eu assistia como ouvinte devota, mas silenciosa. Durante uma delas, discutiu-se sobre várias doutrinas filosóficas e, entre outras, sobre a natureza do princípio da vida, e se havia possibilidade de ele ser descoberto e comunicado a algo. Eles falavam das experiências do Dr. Darwin (não me refiro ao que o doutor realmente fez ou disse que fez, mas no meu próprio interesse, no que se falava que ele teria feito), que havia guardado um pedacinho de vidro até que, por algum meio extraordinário, ele começou a se mover voluntariamente. Afinal de contas, não era assim que a vida devia ser criada. Talvez se pudesse reanimar um cadáver; as correntes galvânicas tinham dado sinal disso; talvez se pudesse fabricar as partes componentes de uma criatura, juntá-las e animá-las com o calor da vida.

A noite se estendeu nessa conversa, e até mesmo a hora das bruxarias há muito havia passado, quando nos retiramos para repousar. Coloquei a cabeça sobre o travesseiro, mas não consegui dormir, nem podia dizer que estivesse pensando. Minha imaginação, solta, possuía-me e guiava-me, dotando as sucessivas imagens que se erguiam em minha mente de uma clareza que ia além dos habituais limites do sonho. Eu via — com os olhos fechados, mas com uma penetrante visão mental —, eu via o pálido estudioso das artes profanas ajoelhado junto à coisa que ele tinha reunido. Eu via o horrível espectro de um homem estendido, que, sob a ação de alguma máquina poderosa, mostrava

sinais de vida e se agitava com um movimento meio-vivo, desajeitado. Deve ter sido medonho, pois terrivelmente espantoso devia ser qualquer tentativa humana para imitar o estupendo mecanismo do Criador do mundo. O sucesso deveria aterrorizar o artista; ele devia fugir de sua odiosa obra cheio de horror. Ele esperaria que, entregue a si mesma, a centelha de vida que ele lhe comunicara extinguir-se-ia, que aquela coisa que recebera uma animação tão imperfeita mergulharia na matéria morta, e ele poderia então dormir na crença de que o silêncio do túmulo envolveria para sempre a breve existência do hediondo cadáver que ele olhara como berço de uma vida. Ele dorme; mas é acordado; abre os olhos; avista a horrorosa coisa de pé ao lado de sua cama, afastando as cortinas e contemplando-o com os olhos amarelos, vazios de expressão, mas especulativos.

Horrorizada, eu abri os meus. Aquela idéia tanto se apossou de meu cérebro que um arrepio de medo percorreu meu corpo, e eu desejei substituir a horrenda imagem da minha fantasia pelas realidades que me rodeavam. Ainda as vejo: o próprio quarto, o assoalho negro, as cortinas fechadas, através das quais a luz da Lua lutava para entrar, e a sensação de que a superfície vítrea do lago e os cumes dos Alpes brancos de neve estavam longe. Não pude livrar-me facilmente do meu tétrico fantasma; ele ainda me assombrava. Eu devia pensar em outra coisa. Recorri à minha história de fantasmas — à minha cansativa e infeliz história de espectros! Oh! Se eu pudesse ao menos encontrar uma que aterrorizasse o leitor tanto quanto eu ficara aterrada naquela noite!

Foi então que a idéia me empolgou, rápida como a luz. "Achei! O que me havia aterrorizado certamente encheria de horror os outros; e eu tinha apenas de descrever o espectro que assombrara o meu sono da meia-noite." Na manhã seguinte, anunciei que já havia encontrado uma história. Comecei a escrevê-la naquele mesmo dia com seguintes palavras: "Era uma sombria noite de novembro", transcrevendo apenas os lúgubres terrores do meu sonho acordado.

No princípio pensei apenas em escrever algumas páginas, um conto curto, porém Shelley incitou-me a estender a idéia. Devo esclarecer que não devo a sugestão de um só incidente nem a menor orientação dos meus pensamentos ao meu marido e, no entanto, não fosse pela sua insistência, ele jamais teria tomado a forma sob a qual foi apresentado ao mundo. Dessa declaração devo excetuar o prefácio. Tanto quanto me recordo, foi inteiramente

escrito por ele. Desejo mais uma vez que minha hedionda criação prossiga e prospere. Tenho afeição por ela, pois foi o fruto de dias felizes, quando a morte e a dor não eram senão palavras que não encontravam eco em meu coração. Suas várias páginas falam de muitos passeios, de muitas conversas, quando eu não estava sozinha; e quando meu companheiro era um que, neste mundo, eu jamais verei. Meus leitores, porém, nada têm que ver com essas associações. Não acrescentarei senão uma palavra quanto às alterações que fiz. Referem-se principalmente ao estilo. Não alterei qualquer parte da história nem introduzi idéias ou situações novas. Corrigi a linguagem onde estava tão seca que seria capaz de interferir com o interesse da narrativa; e essas alterações ocorrem quase que exclusivamente no início do primeiro volume. Além do mais, acham-se inteiramente restritas àquelas partes que nada mais são do que adjuntos da história, preservando, contudo, o essencial.

Londres, 15 de outubro de 1831.

## PREFÁCIO

O doutor Darwin e alguns fisiologistas alemães têm dado a entender que o fato sobre o qual se fundamenta esta ficção não é impossível de acontecer. Não se deve pensar que eu alimente a menor crença em tal imaginação; no entanto, admitindo-a como a base de obra de fantasia, eu não me considerei como apenas tecendo uma série de terrores sobrenaturais. O fato do qual depende o interesse da história está isento das desvantagens de um simples conto de espectros ou encantamento. Foi sugerido pela originalidade das situações que ele desenvolve e, conquanto impossível como um fato físico, proporciona um ponto de vista à imaginação, para o delineamento das paixões humanas mais compreensivo e imperioso do que podem oferecer quaisquer umas das relações comuns dos acontecimentos reais.

Procurei, assim, preservar os princípios elementares da natureza humana, embora não tenha tido escrúpulos em inovar sobre suas combinações. A *Iliada*, a poesia trágica da Grécia, Shakespeare na *Tempestade* e no *Sonho de uma noite de verão*, e mais especialmente Milton no *Paraíso perdido* amoldam-se a essa regra; e o mais humilde novelista, que procura dar ou receber diversão de suas obras, pode, sem presunção alguma, aplicar um pouco de liberdade à prosa ficcionista, ou melhor, adaptar-se à regra de cuja adoção tantas requintadas combinações do sentimento humano resultaram nos mais elevados exemplos de poesia.

A situação sobre a qual repousa minha história foi sugerida por uma conversa casual. Começou em parte como fonte de diversão, em parte como um expediente para exercitar recursos inexplorados do cérebro. À medida que a obra prosseguia, outros motivos misturaram-se a esses. Não sou indiferente ao modo por que o leitor é afetado pelas tendências morais existentes nos sentimentos ou caracteres; contudo, minha principal preocupação a este respeito limitou-se a evitar os enervantes efeitos das novelas atuais, e a afabilidade da afeição doméstica, e a excelência da virtude universal. As opiniões que naturalmente brotam do caráter e da situação do herói não devem ser concebidas como sempre existentes em minhas próprias convicções; nem se deve tirar das páginas que se seguem qualquer inferência prejudicial a doutrinas filosóficas

de qualquer espécie.

Também é assunto de interesse adicional para a autora que esta história tenha sido começada na majestosa região em que a cena se desenvolve principalmente, e numa roda social da qual sempre se terão saudades. Passei o verão de 1816 nas cercanias de Genebra. O tempo estava frio e chuvoso. À noite reuníamo-nos em volta de uma fogueira e ocasionalmente nos divertíamos com algumas histórias alemãs de fantasmas que caíram em nossas mãos. Esses contos despertavam em nós um desejo de imitação. Dois outros amigos (de um dos quais um simples conto seria muito mais aceito pelo público do que qualquer coisa que eu possa esperar produzir) e eu combinamos escrever, cada um, uma história baseada em algum acontecimento sobrenatural.

O tempo melhorou repentinamente, e meus dois amigos deixaram-me numa viagem entre os Alpes e perderam, nos magníficos cenários que eles apresentam, toda a lembrança de suas visões fantásticas. O conto a seguir foi o único que chegou ao fim.

Marlow, setembro de 1817.

## CARTA I

À senhora Saville, Inglaterra

*São Petersburgo, 1 de dezembro de 17...*

Você gostará de saber que nenhum desastre aconteceu no início de uma empreitada que você olhava com tantos pressentimentos negativos. Cheguei aqui ontem e minha primeira preocupação foi assegurar a minha irmã de que estou bem e confiante no sucesso de meu empreendimento.

Já estou bem ao norte de Londres. Ao andar pelas ruas de São Petersburgo, sinto uma brisa fria do norte em minha face, que revigora minhas forças e me envolve de prazer. Você conhece essa sensação? Essa brisa, que vem de regiões para as quais estou indo, dão-me uma antecipação daqueles climas frios. Animado por esse vento de promessa, meus sonhos diários tomam-se mais vívidos. Tento em vão persuadir-me de que o Pólo é um local de gelo e desolação; mas ele se apresenta a minha imaginação como a região da beleza e dos prazeres.

Ali, Margaret, o sol é sempre visível. Seu vasto disco apenas toca o horizonte e irradia um esplendor infinito. Ali — e deixe, minha irmã, que eu dê algum crédito aos navegadores do passado —, ali não há neve ou gelo; e navegando num mar calmo, podemos ser conduzidos até uma terra plena de maravilhas jamais vista no mundo habitado. Suas formas não têm igual, e a visão que se tem dos corpos celestes sem dúvida só é possível em lugares tão ermos. O que não se pode esperar num país de luz eterna? Ali descobrirei o poder extraordinário que atrai o ponteiro da bússola. E certamente farei milhares de observações celestiais, que irão retribuir esta viagem com a visão eterna de suas formas excêntricas. Satisfarei minha curiosidade com a visão de parte do mundo nunca antes visitada e pisarei uma terra nunca antes marcada pelo passo do homem. É isso que me fascina, e é suficiente para superar qualquer medo de perigos ou até da morte, estimulando-me a dar início a esta árdua viagem com a mesma alegria de uma criança ao entrar num pequeno barco, em férias com os

amigos, numa expedição exploratória no rio da sua terra. Mas, supondo que todas essas conjecturas sejam falsas, não se pode contestar o inestimável benefício que poderei legar a toda a humanidade até a última geração ao descobrir uma passagem perto do Pólo para aqueles países cuja travessia hoje leva muitos meses; ou ao descobrir o segredo do magnetismo, o que, se é possível, o é apenas por meio de uma empreitada como a minha.

Essas reflexões dispersaram a agitação em que comecei minha carta, e sinto meu coração arrebatado de um entusiasmo que me eleva aos céus, pois nada concorre tanto para tranqüilizar a mente do que um propósito firme — um ponto sobre o qual o espírito possa se fixar. Essa expedição foi o maior sonho de minha juventude. Li com paixão os vários relatos das viagens que foram feitas com o objetivo de alcançar o Pacífico Norte através dos mares que cercam o Pólo. Você com certeza se recorda de toda a biblioteca de nosso bom tio Thomas era constituída por histórias de viagens feitas com o objetivo do descobrimento. Nunca dei atenção aos estudos, mas sempre adorei ler. Esses volumes eram meu estudo dia e noite, e minha familiaridade com eles aumentava aquele desconsolo que eu sentira, ainda criança, ao saber que as circunstâncias da morte de meu pai levaram meu tio a proibir que eu embarcasse numa vida de aventuras no mar.

Essas visões se diluíram quando, pela primeira vez, tomei contato com aqueles poetas cujas exaltações penetraram minha alma e me conduziram ao céu. Também me tornei poeta, e durante um ano vivi num paraíso que eu mesmo criara; imaginei que também poderia obter um lugar no templo que consagra Homero e Shakespeare. Você conhece bem o meu fracasso, e como fiquei desapontado. Mas na mesma época recebi uma herança de meu primo, e meus pensamentos se voltaram para aqueles sonhos juvenis.

Seis anos se passaram desde que decidi empreender esta viagem. Ainda hoje, lembro-me do momento em que tomei essa decisão. Comecei por habituar meu corpo às adversidades. Acompanhei pescadores de baleias em muitas expedições ao mar do Norte; voluntariamente, passei frio, fome, sede e sono. Frequentemente, trabalhava mais que os marinheiros durante o dia, e dedicava as noites a estudar matemática, medicina e aqueles ramos da ciência natural dos quais um aventureiro naval extrai vantagens práticas. Por duas vezes, empreguei-me como ajudante num baleeiro de bandeira groenlandesa, e saí-me

muito bem. Devo admitir que fiquei orgulhoso quando meu capitão me ofereceu o segundo posto no barco, e pediu-me encarecidamente que continuasse com eles — tamanha era sua consideração por meus serviços.

E agora, querida Margaret, não mereço construir um grande destino? Eu bem poderia ter escolhido uma vida de luxo e prazer; mas preferi a glória a todos os atrativos da riqueza. Oh! quem haveria de concordar com isso? Minha coragem e resolução são firmes, mas minhas esperanças oscilam e meu ânimo muitas vezes se enfraquece. Estou prestes a fazer uma viagem longa e difícil, que irá requerer toda a minha força; além de estimular os outros, terei às vezes de sustentar o meu próprio ânimo quando o dos demais tiver faltado.

Esta é a melhor época para viajar pela Rússia. Os trenós deslizam rapidamente sobre a neve, o que, em minha opinião, é muito mais agradável que o movimento das diligências inglesas. O frio não é excessivo quando se está usando um casaco de peles — uma roupa que já adotei —, pois há uma grande diferença entre ficar andando no convés e permanecer sentado imóvel durante horas, sem poder fazer nenhum exercício para evitar que o sangue congele nas veias, e eu não tenho a menor intenção de perder a vida na estrada entre São Petersburgo e Archangel.

Devo partir para Archangel daqui a quinze ou vinte dias, onde pretendo alugar um navio, o que pode ser feito sem dificuldade pagando um seguro ao proprietário, e contratar um número suficiente de marinheiros entre os pescadores de baleia. Não pretendo velejar antes de junho. E quando voltarei? Ah, minha querida irmã, como posso responder a essa pergunta? Em caso de sucesso, muitos e muitos meses, talvez anos, irão se passar antes que voltemos a nos encontrar. Se fracassar, você me verá em breve, ou nunca mais.

Adeus, minha querida, e ótima, Margaret. Que os céus derramem bênçãos sobre você, e me protejam, para que eu possa cada vez mais agradecer-lá por todo o seu amor e doçura.

Seu irmão afetuosamente

R. Walton

## CARTA II

À senhora Saville, Inglaterra

*Archangel, 28 de março de 17...*

Como o tempo passa lentamente aqui, cercado que estou pelo gelo e pela neve! No entanto, já dei mais um passo no que se refere à realização de minha empreitada. Aluguei um navio e estou selecionando os marinheiros. Aqueles que já contratei parecem ser homens nos quais posso confiar; são corajosos e destemidos.

Tenho, porém, um desejo que nunca pude satisfazer; é uma ausência que agora sinto de forma mais intensa. Não tenho amigos, Margaret. Quando estou entusiasmado com o sucesso, não tenho com quem dividir a alegria; e se estou tomado pela decepção, ninguém procura me dar apoio. Pretendo colocar meus pensamentos no papel, é verdade, mas esse é um recurso muito pobre para alguém manifestar seus sentimentos. Desejo a companhia de uma pessoa que tenha afinidades comigo, que pense como eu. Você pode me considerar um sonhador, minha querida irmã, mas eu realmente sinto necessidade de um amigo. Não tenho ninguém próximo a mim, sereno e corajoso, que tenha uma mentalidade elevada e aberta, cujas aptidões sejam iguais às minhas, para aprovar ou corrigir meus planos. Como tal amigo iria suprir as falhas de seu pobre irmão! Sou muito impulsivo na execução e impaciente demais diante das dificuldades. Mas também é terrível para mim o fato de ser um autodidata. Até os catorze anos vivi sem preocupações, e a única coisa que li foram os livros de viagens da biblioteca de nosso tio Thomas. Naquela idade conheci os poetas consagrados de nosso país. Mas foi só quando eles perderam o poder de me inspirar que percebi a necessidade de conhecer outras línguas além da minha. Agora, aos vinte e oito anos, tenho menos leitura que muitos estudantes de quinze. É verdade que tenho pensado mais e meus sonhos são mais amplos e magníficos; mas eles precisam de (como dizem os pintores) harmonia; e eu realmente anseio por um amigo que tenha discernimento suficiente para não me

ver como um sonhador e paciência para ajudar-me a organizar minhas idéias.

Bem, esses são lamentos inúteis. Eu certamente não encontrarei nenhum amigo neste amplo oceano, nem mesmo aqui em Archangel, entre comerciantes e marinheiros. Contudo, até os homens mais rudes têm sentimentos dignos. Meu imediato, por exemplo, é um homem corajoso e empreendedor; deseja ardentemente a glória, ou, em outras palavras, aspira ao sucesso em sua profissão. É um inglês e, apesar de viver em meio ao preconceito nacional e profissional e de não ter uma cultura refinada, conserva certa nobreza. Conheci-o a bordo de um navio baleeiro. Sabendo que estava na cidade e desempregado, imediatamente convidei-o a participar de minha aventura.

O mestre é uma pessoa de excelente disposição, e destaca-se no navio por sua gentileza e pela brandura de sua disciplina. Essas características, acrescidas de uma conhecida integridade e coragem a toda prova, fizeram que eu desejasse tê-lo a bordo.

Passei a juventude em solidão, vivi meus melhores anos em sua suave e feminina companhia, e isso moldou meu caráter de tal forma que sou incapaz de superar o desgosto intenso que me causa a brutalidade, tão comum nos navios. Ouvi falar dele pela primeira vez de uma maneira romântica, por uma mulher que lhe deve a felicidade. Em resumo, esta é a história. Há alguns anos ele amou uma jovem senhora russa de pequena fortuna e, como ele havia ganho uma considerável quantia em dinheiro, o pai da moça consentiu no casamento. Antes da cerimônia, ele encontrou sua amada, que se desfez em lágrimas. Atirando-se aos seus pés, ela lhe rogou que a deixasse, confessando que amava outro. Como, porém, esse outro fosse pobre, seu pai nunca permitiria a união. Meu generoso amigo tranqüilizou-a e, depois de lhe perguntar quem era o seu amado, desistiu no mesmo instante. Ele já havia comprado uma fazenda com seu dinheiro, onde estava resolvido a passar o resto de sua vida, mas deu-a para o rival, assim como o dinheiro que lhe restara. Então, ele próprio pediu ao pai da jovem que consentisse no casamento da moça com o outro. Mas o velho recusou decididamente, considerando-se preso a meu amigo pela palavra empenhada. Como o velho se mostrava inflexível, ele deixou o país, e só voltou quando soube que sua ex-amada havia se casado conforme seus desejos. "Que ser nobre!", você irá dizer. E ele realmente o é. E, no entanto, totalmente iletrado. É tão quieto